Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

**Um diálogo com Simondon e Deleuze para
pensar o bebê**

RAFAELA BARREIRA VALÉRIO DA SILVA

Campinas, 30 de Novembro de 2015

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Um diálogo com Simondon e Deleuze para pensar o bebê

Rafaela Barreira Valério da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação da UNICAMP sob a
orientação da professora Dra.
Gabriela Guarnieri de Campos Tebet
como requisito para a conclusão do
curso de Licenciatura em Pedagogia

Campinas, 30 de Novembro de 2015

Ficha catalográfica

Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca da Faculdade de Educação

Rosemary Passos - CRB 8/5751

Silva, Rafaela Barreira Valério da, 1993-
Si38d Um diálogo com Simondon e Deleuze para pensar o bebê / Rafaela Barreira Valério da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Gabriela Guarnieri de Campos Tebet.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Bebês. 2. Pós-estruturalismo. 3. Educação. I. Tebet, Gabriela Guarnieri de Campos, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: A dialog with Simondon and Deleuze to think the baby

Palavras-chave em inglês:

Babys

Education

Post-structuralism

Titulação: Licenciado

Data de entrega do trabalho definitivo: 14-12-2015

Orientador:

Profª Drª Gabriela Guarnieri de Campos Tebet

Segundo leitor:

Profº Mestre Gustavo de Almeida Barros

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha Heloisa, que em meio ao cansaço e às alegrias de ser mãe, me motiva todos os dias a buscar entender as potencialidades dos bebês.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por ter me dado forças em meio às dificuldades e por ter me dado a oportunidade de realizar essa conquista em minha vida.

Aos meus pais que sempre me apoiaram e acreditaram e mim, me incentivando a sempre buscar o melhor para minha formação pessoal e profissional.

Ao meu esposo, que me acompanhou ao longo de todos esses cinco anos e que me apoiou e consolou em meio ao cansaço para a construção deste trabalho.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, que acreditou no meu projeto e na minha capacidade para a construção deste trabalho.

À minha filha, que foi e sempre será a minha inspiração de vida; aquela que faz com que eu busque ser cada vez melhor, fazendo com que eu tente cada vez mais me tornar uma professora melhor para os meus futuros alunos e para a educação infantil brasileira.

RESUMO

O presente trabalho trata sobre o estudo de bebês dialogando com as ideias pós-estruturalistas de Simondon e Deleuze.

Além disso, aborda de que forma os bebês são estudados levando em consideração suas singularidades e particularidades e a partir dessa questão de que forma as professoras de bebês na educação infantil, podem promover uma educação de qualidade que respeite as especificidades, limitações, tempo e ritmo de cada bebê, permitindo que eles se desenvolvam de forma integral.

Palavras chave: bebê, pós-estruturalismo, educação.

ABSTRACT

The present work deals with the studies of babies in dialogue with poststructuralist ideas of Simondon and Deleuze.

In addition, discusses how the babies are studied taking into consideration their peculiarities and particularities and from that question of how teachers of babies in child education, can promote quality education that respects the particularities, limitations, time and rhythm of each baby, allowing them to develop fully.

Keywords: baby, post-structuralism, education.

SUMÁRIO

• Introdução.....	10
• Metodologia.....	13
• Capítulo 1 – Uma abordagem pós-estruturalista: o que é?	15
1.1 - As contribuições de Simondon.....	18
• Capítulo 2 – Os bebês e o processo de individuação.	
2.1 – O bebê como personagem conceitual.....	21
2.2 – O bebê e a pré-individualidade.....	24
• Capítulo 3 – Pesquisar bebês: em busca de singularidades.....	26
• Capítulo 4 – Então, o que é ser professora de bebês?.....	29
• Considerações finais.....	34
• Referências Bibliográficas.....	36

INTRODUÇÃO

O presente busca tentar desconstruir um pouco do que muito se vem pensando a respeito dos bebês.

Os bebês aos olhos da sociedade são considerados como seres frágeis, desprovidos de potencialidades e singularidades, e por essa razão acabam de certa forma sendo “desprezados” quando pensamos em pesquisa e teorias que sendo assim, os bebês “continuam ocupando apenas uma condição marginal em tais teorias” (ABRAMOWICZ; TEBET, 2014, p. 45)

Ainda que estudos a respeito de crianças e da infância tenham tido progressos, em busca de tentar constituir as crianças teoricamente, os bebês ainda estão em segundo plano nessa busca por constituir teoricamente o bebê.

“temos observado avanços constantes nos estudos da infância e das crianças, no sentido de definir teoricamente os conceitos “criança” e “infância” e avançar no sentido de olhar para as crianças numa perspectiva social. Este movimento de tornar a criança e a infância como perspectiva analítica colocando-as no centro do campo teórico vem sendo denominado sociologia da infância e/ou estudos da criança. No entanto, de toda maneira, no interior deste campo, secundarizaram-se os bebês” (ABRAMOWICZ; TEBET, 2014, p.45)

E é por essa razão que acredito que seja necessário desconstruir essa visão marginalizada que muitos têm a respeito dos bebês e ascendê-los no campo da pesquisa.

Falar de bebês parece algo simples e fácil, pois para muitos eles são seres que apenas dormem, comem e brincam; eis aí a grande questão, bebês não são seres tão simples assim, e podem ser estudados e compreendidos de uma outra forma que não essa.

Os bebês são seres que se diferenciam não só de crianças e adultos, mas também se diferenciam de si mesmos, embora muitos ainda acreditem que os bebês são iguais.

Deleuze (1997, p. 14) vem desconstruir essa imagem igualitária a respeito dos bebês, pois para ele “os recém-nascidos são todos parecidos e

não tem nenhuma individualidade; mas eles têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos, que não são características subjetivas.”

Sendo assim, por mais que os bebês se pareçam em suas atividades rotineiras, são diferentes em suas singularidades.

As singularidades não são constituídas nem dadas por uma pré-determinação, mas são responsáveis pela forma que cada ser, no caso os bebês, se relacionam com seus problemas.

“As singularidades ou os acontecimentos constitutivos de uma vida coexistem com os acidentes da vida correspondente, mas não se agrupam nem se dividem da mesma maneira.” (ABRAMOWICZ; TEBET, 2014, p. 53)

De acordo com Tebet e Abramowicz (2014, p. 53) “Os bebês são o devir, são exemplos de diferença e carregam consigo a potencialidade de fazer emergir novas formas de ser e de relacionar-se, e de viver.” Ou seja, os bebês são as novas formas de ser do indivíduo.

Além de considerar que os bebês não são iguais, este trabalho também busca mostrar de que forma os bebês podem ser estudados e compreendidos a partir do princípio de individuação proposto pelo filósofo francês Gilbert Simondon e pela Filosofia da Diferença proposta pelo filósofo francês Gilles Deleuze e pelo psicanalista Felix Guattari.

Compreender o bebê a partir de uma visão pós-estruturalista é mostrar que eles se diferenciam em suas significações, na sua própria formação, e em sua constituição, até mesmo quando comparado a um outro bebê.

Não podemos considerar os bebês como indivíduos prontos, mas sim como seres pré-individuais que carregam consigo potencialidades e singularidades.

E como veremos, essa realidade pré-individual não o abandonará.

“A vida, em sua mais singular relação com um pensamento impessoal, se encarna na figura do bebê. Ele é, inteiramente, singularidade, pré-individual, anterior a todas as manifestações do subjetivo. Todos os bebês se parecem, embora mostrem expressões que atravessam inteiramente, como um sorriso ou uma careta.” (Deleuze, 1997,p.6).

Sendo assim, os bebês diferentes de crianças e adultos, precisam de metodologias diferentes para serem estudados; precisam ser estudados a partir de suas diferenças, de suas singularidades e potências.

Contudo, busco nesse trabalho, mostrar que os bebês podem ser compreendidos a partir de uma nova abordagem, e desconstruir a visão igualitária que muitos têm a respeito dos bebês na sociedade adultocêntrica em que vivemos hoje; além de, mostrar que para que um trabalho educativo com bebês se dê de forma efetiva é necessário que eles sejam observados e respeitados em suas singulares.

METODOLOGIA

Quando procuramos por uma metodologia para desenvolver nossa pesquisa, devemos buscar uma metodologia que nos permita compreender a realidade do objeto de estudo em questão, e assim fazer com que ao final da pesquisa tenhamos a plena compreensão daquilo que foi pesquisado, além de obter novos resultados a respeito do objeto pesquisado.

Muitas vezes se pensa que utilizar-se de referências bibliográficas para desenvolver uma pesquisa é algo simples e fácil, porém buscar explicar um determinado objeto de estudo a partir de referenciais bibliográficos exige muito esforço da parte do pesquisador, para a observação, análise e coleta dos dados, afim de, buscar encontrar soluções ou novas hipóteses para seu objeto de estudo.

“Não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório.” (LIMA; MIOTO, 2007,p.38).

A pesquisa bibliográfica permite-nos alcançar mais informações a respeito do objeto estudado, fazendo com que a junção dos dados dispersos em diversas publicações ajudem a desenvolver um novo conceito a respeito do objeto da pesquisa que vem sendo desenvolvida.

Para poder se utilizar da pesquisa bibliográfica como metodologia de pesquisa é preciso antes de tudo que ele selecione referências bibliográficas como por exemplo: artigos, periódicos, livros, entre outros, que tragam como tema abordado conceitos que são necessários para a compreensão e a construção da pesquisa.

Porém não só escolher as referências bibliográficas se faz necessário; é preciso e imprescindível, que após a escolha dos referenciais o pesquisador leia-os para a coleta de dados, já que ela permite uma análise profunda dos dados, além de, permitir uma análise crítica e nova do que está sendo estudado.

“No caso da pesquisa bibliográfica, a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência.” (LIMA;MIOTO. 2007, p. 41)

Contudo, coletar dados a partir de referenciais bibliográficos nos aproxima do objeto de estudo, pois nos permite observar e analisar as informações apresentadas e assim, utilizá-las de forma crítica e construtiva.

Para finalizar, justifico a utilização da pesquisa bibliográfica como minha metodologia escolhida para meu estudo, pois é evidente que a pesquisa sobre bebês é muito precarizada em uma sociedade adultocêntrica que vivemos hoje, e a pesquisa bibliográfica é uma forma de contribuir para a formação de novas hipóteses e novas formas de interpretação acerca do objeto de estudo, no caso, os bebês.

“A pesquisa bibliográfica tem sido utilizada com grande frequência em estudos exploratórios ou descritivos, casos em que o objeto de estudo proposto é pouco estudado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis. A sua indicação para esses estudos relaciona-se ao fato de a aproximação com o objeto ser dada a partir de fontes bibliográficas.” (LIMA; MIOTO. 2007, p.40)

CAPÍTULO 1 – UMA ABORDAGEM PÓS-ESTRUTURALISTA: O QUE É?

Não há como pensar nos bebês como um ser desprovido de singularidades, e caracterizado por suas diferenças, como nos afirma Deleuze (1997) “todos os bebês se parecem, embora mostrem expressões que os atravessem inteiramente, como um sorriso ou uma careta”, a partir disso podemos estudá-los a partir de uma abordagem que também se diferencie de outras, como é o caso do pós-estruturalismo.

Mas afinal, o que é uma abordagem pós-estruturalista e qual a relação que podemos estabelecer com os bebês?

O pós-estruturalismo pode ser encontrado em diversos campos, como no filosófico, político social, psicanalítico e literário, mas o que marca a univocidade do pós-estruturalismo em ambos os campos, é que essa abordagem surgiu de forma a contestar, e transformar os princípios e conceitos estruturalistas.

O estruturalismo privilegia a noção de estrutura, sistemas, e que nada mais é do que a base, a sustentação daquilo que vira a ser construído.

“Na sua concepção mais geral, o estruturalismo se define, obviamente, por privilegiar a noção de estrutura. Na análise teórica estruturalista, a estrutura é uma característica não dos elementos individuais de um fenômeno ou “objeto”, mas das relações entre aqueles elementos. A estrutura, tal como arte da construção, é precisamente aquilo que mantém, de forma subjacente, os elementos individuais no lugar, é aquilo que faz com que o conjunto se sustente. (SILVA, 1999, p. 118)

Além disso, o estruturalismo se caracteriza por ser um movimento teórico que “se refere de forma muito particular a um gênero de teorização social” (SILVA, 1999, p. 117) e dentre muitas vertentes se baseava no estruturalismo linguístico onde trata muito a respeito das significações, considerando que o significado e o significante em questão, dentro da linguagem são dependentes e superiores uns aos outros; o estruturalismo propõe certa rigidez e impossibilidade de novas diferenciações, vê o processo

de significação como determinado e pronto e são nessas questões e conceitos que ele se diferencia do pós-estruturalismo.

“O pós-estruturalismo continua e, ao mesmo tempo, transcende o estruturalismo. O pós-estruturalismo partilha com a mesma ênfase na linguagem como um sistema de significação. Na verdade, o pós-estruturalismo até amplia a centralidade que a linguagem tem no estruturalismo, como se pode observar, por exemplo, na preocupação de Foucault com a noção de “discurso” e na de Derrida com a noção de “texto”. O pós-estruturalismo efetua, entretanto, um certo afrouxamento na rigidez estabelecida pelo estruturalismo. O processo de significação continua central, mas a fixidez do significado que é, de certa forma, suposta no estruturalismo, se transforma, no pós-estruturalismo, em fluidez, indeterminação e incerteza.” (SILVA, 1999, p. 119).

Podemos citar também que o pós-estruturalismo se diferencia do pós-modernismo, apesar de terem como elemento compartilhado, a crítica ao sujeito centrado e autônomo do modernismo e humanismo.

Partindo de todas essas características e pensando na construção do sujeito, para o pós-estruturalismo o sujeito não é determinado, nem pronto, “o sujeito é o resultado dos dispositivos que constroem como tal”. (SILVA, 1999, p. 120).

Podemos considerar o processo de formação do indivíduo como um processo de significação e “a concepção pós-estruturalista que vê o processo de significação como basicamente indeterminado e instável” (SILVA, 1999, p. 123)

No pós-estruturalismo há uma pluralidade de sentidos, se abstendo de atribuir ao homem verdades absolutas, e uma consciência pronta, considerando que esta deve ser transformada, considerando os fatores sócio históricos que interferem no indivíduo.

Os pós-estruturalistas criticam sujeitos centrados e autônomos, ou seja, criticam um sujeito determinado e totalizado, criado a partir de moldes culturais, sociais e históricos.

“O pós-estruturalismo também continua e, ao mesmo tempo, radicaliza a crítica do sujeito do humanismo e da filosofia da consciência feita pelo estruturalismo. Para o pós-estruturalismo, tal como para o estruturalismo, esse sujeito não passa de uma invenção cultural, social e histórica, não possuindo nenhuma propriedade essencial originária. O pós-

estruturalismo, entretanto, radicaliza o caráter inventado do sujeito. No estruturalismo marxista de Althusser, o sujeito era um produto da ideologia, mas se podia, de alguma forma, vislumbrar a emergência de um outro sujeito, uma vez removidos os obstáculos, sobretudo a estrutura capitalista, que estavam na origem desse sujeito espúrio. Em troca, para o pós-estruturalismo – podemos tomar Foucault como exemplo – não existe sujeito a não ser como simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social.” (SILVA,1999, p. 120).

Podemos concluir assim que o pós-estruturalismo é uma abordagem que considera diferenciações, significações e pluralidades na construção do indivíduo, não considera ele como pronto e totalizado, mas sim como vulnerável às diferenciações, e é nessa questão podemos citar os bebês, que como vimos com Deleuze (por ano) são pura singularidade e que em seu processo de individuação, assim como todos os indivíduos, passam cotidianamente por diversas diferenciações, para se constituírem como indivíduos.

1.1– AS CONTRIBUIÇÕES DE SIMONDON

Dentre tantos autores que hoje podem ser associados ao pensamento pós-estruturalista, um que podemos destacar e que contribuiu muito para o pensamento pós-estruturalista no que se refere ao estudo de individuação foi Gilbert Simondon¹.

Simondon, indo ao encontro das vertentes do pós-estruturalismo, que consideram o processo de formação do indivíduo como indeterminado e instável, como já dito acima, trouxe diversas contribuições a respeito desse assunto, fazendo-se pensar de forma diferente o indivíduo.

Gustavo Barros (2014) afirma que Simondon a partir de suas investigações vem trazer uma nova perspectiva a respeito de formação do indivíduo, perspectiva essa que pensa o indivíduo a partir dos processos de individuação, e não mais explica os processos de individuação pelo indivíduo, afinal, os processos de individuação pelos quais o indivíduo passa são soluções precárias que os indivíduos encontram para resolverem seus problemas cotidianos.

Para explicar essa perspectiva de se pensar o indivíduo a partir dos processos de individuação Simondon se apropria de alguns conceitos derivados das ciências naturais, biologia, física, química, entre outros, que são: a disparação, a metaestabilidade e a transdução.

Para compreender a proposta de Simondon sair de um pensamento dual excludente e vivermos uma multiplicidade, pois sempre teremos uma coisa, envolvida com outras, nunca a encontramos isolada. É o que podemos perceber na fala de Deleuze quando nos fala sobre multiplicidade e de sua síntese disjuntiva, isto é, uma coisa *E* outra coisa *E* outra coisa *E*... nunca é por exclusão, uma coisa *ou* outra coisa:

“Quando Godard diz que tudo se divide em dois, e que de dia existe a manhã e a tarde, ele não diz que é um ou outro, nem que um se torna o outro, virando dois. Pois a multiplicidade nunca está nos termos, seja qual for seu número, nem no seu conjunto ou na totalidade. A multiplicidade está precisamente

no E, que não tem a mesma natureza dos elementos nem dos conjuntos. (...) O E não é nem um nem o outro, é sempre entre os dois, é a fronteira, sempre há uma fronteira, uma linha de fuga ou de fluxo, mas que não se vê, porque ela é menos perceptível (1992.p.60).

Essa concepção trazida por Deleuze nos ajuda a compreender o que Simondon quer com o conceito de metaestabilidade. A metaestabilidade se trata de uma realidade que incide ao ser que não é nem estável e nem instável, como o próprio nome diz, é metaestável, e que pode ser compreendida através do conceito químico de entropia, que envolve duas grandezas que coexistem, mas, que são diferentes e que não se comunicam.

“É só pensar em um recipiente com um líquido que descansa no congelador, em um determinado momento esse líquido é retirado do congelador, ele se encontra na forma líquida, mas devido ao encontro que ele realiza ele se torna sólido instantaneamente, não é que neste instante ele era líquido e se transformou em sólido, é que neste momento ele era líquido/sólido, ambos coexistiam.” (BARROS, 2014)

Enfim, contextualizando o que é transdução para ciências biológica, podemos afirmar que é a transferência de material genético de uma bactéria a uma outra bactéria por vírus.

“O fragmento de DNA transportado de uma bactéria a outra (de reboque no material viral) se incorpora ao cromossomo bacteriano desta última e passa a se comportar (pelo menos, durante certo tempo) como se fosse um gene dela mesma. Assim essa segunda bactéria começa dali por diante a revelar um caráter ou fenótipo que não possuía.” (SOARES, 1993. p.499).

Todos esses conceitos acima citados foram abordados por Simondon para comprovar que o indivíduo não é um ser totalizado, e não é determinado, demonstrando que a realidade do ser é também uma realidade que antecede o indivíduo, realidade essa carregada de singularidades, uma realidade pré-individual, que não deixa de existir, bem como os processos de individualizações que são incessantes durante nossa vida.

“é necessário considerar o ser, não como substância, matéria ou forma, mas como sistema tenso, supersaturado, acima do

nível da unidade; não consistindo unicamente em si mesmo e não podendo ser pensado, adequadamente, mediante o princípio do terceiro excluído; o ser concreto, ou ser completo, isto é, o ser pré-individual, é um ser que é mais que uma unidade.” (SIMONDON,2003, p.102)

Simondon vem destacar então um paradoxo dentro do processo de individuação, que é o ser pré-individual e o ser individual; para Simondon um ser pré-individual é um ser sem fase, é aquele que vem anteceder o ser individual, sendo que este se tornar individuado a partir dos processos de individuações pelos quais passa.

“o ser pré-individual é o ser em que não existe fase, o devir é o ser em cujo seio se efetua uma individuação , o ser em que uma resolução aparece pela sua repartição em fases;(...)A individuação corresponde à aparição de fases no ser , as fases do ser;”
(SIMONDON, 2003,p.101)

A partir das novas formas de pensar dessa abordagem do indivíduo, Simondon pode demonstrar e comprovar que o indivíduo é passível de mudanças e diferenciações, é um ser pré-individual.

1

¹ Tal estudo encontra-se em sua tese de doutorado de título original em francês: L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information é a tese principal de Simondon. Ela foi publicada em duas partes: a primeira parte: O indivíduo e a sua gênese Físico-biológico (L'individu et sa gènesse physico-biologique), publicada no ano de 1968. A segunda parte: A Individuação Psíquica e Coletiva, a Luz das noções de forma, informação, potencial e metaestabilidade (L'individuation psychique et collective à la lumière des notions de forme, information, potentiel et metaestabilité), publicada no ano de 1989

CAPÍTULO 2 – OS BEBÊS E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Para falarmos dos bebês, ou sobre o bebê, é necessário antes de tudo considerarmos que ele carregar consigo diversas características que juntas o constituem um ser SINGULAR; o bebê pode ser caracterizado como: Personagem Conceitual/ Imanência/ Uma vida/pura potência e beatitude/pré-individual e Singularidade.

Mas para começar a pensar o bebê iniciaremos por dizer o que é um Personagem Conceitual.

2.1 – O BEBÊ COMO PERSONAGEM CONCEITUAL

Um personagem conceitual torna concreto um determinado conceito, ou seja, assim como afirma Leclercq (2002) é a partir de como um conceito vivo se exprime que ele se torna um personagem conceitual.

“O conceito se mexe, respira, dança. Ele pertence a uma realidade, ao mesmo tempo em que, enquanto conceito, a excede. (...) Paralelamente, entretanto, para que o conceito possa se realizar em seus próprios termos, ele precisa de uma participação que seja unívoca ao vivente: do contrário, ele continuaria sendo uma abstração. Só um bom conceito participa plenamente da Vida. Ele se torna, a partir daí, um *personagem* conceitual. (...) Um conceito vivo, na medida em que ele se exprime, torna-se um personagem conceitual.” (LECLERCQ, 2002, p. 20)

É a partir dessas considerações que Leclercq considera o bebê como um personagem conceitual “exemplar”, isso porque a partir do momento em que o bebê vai crescendo, isto é, vai se individuando, ele vai deixando de ser UMA VIDA, e passa a pertencer à vida, e é a partir desse momento, em que ele começa a pertencer a ela que se torna um personagem conceitual.

“Por isso, o personagem conceitual “bebê” é exemplar: porque ao crescer, ao se diferenciar dele mesmo, cai necessariamente fora do plano de imanência, pois ele não é mais vida: ele agora pertence à vida.” (LECLERCQ, 2002, p.19)

Sendo assim podemos considerar que o bebê para Deleuze é um Personagem Conceitual, que se caracteriza por suas SINGULARIDADES E

POTÊNCIA; sendo assim ele pertence a um campo transcendental, constituindo, portanto, um plano de imanência.

Mas o bebê pertence a um transcendental “singular que, precisamente, deixa sua consciência sem hegemonia”(LECLERCQ, 2002, p.22) ; a partir daí podemos considerar que o bebê, sendo um personagem conceitual é pertencente ao plano transcendental.

“O personagem conceitual parece pertencer ao transcendental, mas se trata de um transcendental singular que, precisamente, deixa sua consciência sem hegemonia. A acepção clássica do campo transcendental compreende-o como o conjunto dos *a priori*s que regulam o real. Eles são como que os instrumentos indispensáveis à consciência para a compreensão da realidade (empirismo transcendental). Até então, o transcendental não era viável a não ser por uma consciência que o administrava. Mas ao entender a consciência como um elemento entre outros nesse campo, é todo um real selvagem que aparece. Os elementos não remetem mais a uma consciência que os governaria: seu movimento se vê liberado (Deleuze, 1995). Não existem senão coisas fora de nós, cada uma delas exercendo puramente uma potência. O campo transcendental torna-se, assim, um lugar de relações, de trocas entre os movimentos: (...) Movimento, potência são os únicos elementos desse campo sem consciência. Esse campo transcendental despido de consciência é chamado, então, por Gilles Deleuze, de plano de imanência (Deleuze, 1995). (...) O personagem conceitual é expressão, sem limitação de forma ou espaço que viria cercá-lo, subjetivá-lo. O personagem conceitual pertence inteiramente ao plano de imanência, ao campo transcendental sem consciência” (LECLERCQ, 2002, p.22-23)

“A vida, em sua mais singular relação com um pensamento impessoal, se encarna na figura do bebê” (LECLERCQ, 2002, p. 23).

Por todas as características citadas acima, o bebê não pode ser considerado como um indivíduo, isso porque o bebê possui potencialidades, sendo que, o bebê, compreendido como plano de imanência é desprovido de consciência, mas ao experimentar o mundo, ao vivenciar ele se encontra no plano transcendental, no qual é possível encontrar a consciência, mas apenas como parte integrante desse campo, não como governadora do ser; o bebê, pode ser considerado então como pré-individual e singular; é através de suas singularidades que ocorrem suas individuações. Tal processo de individuação

que um bebê passa, podemos afirmar que é como ocorre em todos os processos de individuações que os seres vivos passam.

“Ele é, inteiramente singularidade pré-individual, anterior a todas as manifestações do subjetivo. Todos os bebês se parecem, embora mostrem expressões que os atravessem inteiramente, como um sorriso ou uma careta (Deleuze, 1995, p.6). Essas expressões são as manifestações de uma vida que percorre e singulariza o bebê, sem individualizá-lo. Essa anterioridade do subjetivo deixa o bebê em um indefinido que pertence apenas ao sensível. Ele não é sensivelmente indeterminado sem ser ao mesmo tempo determinado como objeto sobre o plano de imanência, ou seja, como consciência pré-reflexiva sem eu. Ele pertence, pois, ao campo transcendental sem consciência.” (LECLERCQ, 2002, p.23)

Ainda podemos ver em Deleuze o quanto o bebê é singular, pura potência e desprovido de individualidade,

“os recém-nascidos são todos parecidos e não têm nenhuma individualidade; mas eles têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos que não são características subjetivas. Os recém-nascidos, em meio a todos os sofrimentos e fraquezas, são atravessados por uma vida imanente que é pura potência, e até mesmo beatitude.”(DELEUZE, 1997,p.14)

2.2 – O BEBÊ E A PRÉ-INDIVIDUALIDADE

De acordo com Abramowicz e Tebet (2014, p.52) compreender os bebês a partir dos conceitos de vida singular e imanência é, portanto, compreendê-los como seres pré-individuais, tendo em vista que, de acordo com Deleuze (2010,p.118), é a singularidade que marca a condição pré-individual do ser, ou seja, podemos considerar que ser pré-individual significa carregar dentro de si uma imensidão de singularidades; uma realidade pré-individual antecede a realidade individual, ou seja, o bebê antecede o indivíduo; podemos considerá-lo então, como natureza; eles são exemplos de diferenças e carregam diversas potencialidades que fazem nascer novas formas de ser, de se relacionar e de viver.

Abramowicz e Tebet afirmam que:

“O conceito de bebê que constituímos, portanto, é o conceito do bebê como ser singular, pré-individual. Os bebês são o devir, são exemplos de diferença e carregam consigo a potencialidade de fazer emergir novas formas de ser, de relacionar-se e de viver. Nesse sentido, são natureza (Simondon) porque ainda que não assimilaram as regras e as restrições sociais do “plano de organização”, porque ainda não se configuraram como indivíduos. Estão imersos num plano de imanência e de possibilidades.” (2014, p.53).

Sendo os bebês seres pré-individuais, não podendo ser considerados como crianças, a partir de que momento eles deixam de ser bebês para se tornarem crianças, e começarem a se individualizar?

Na verdade, não existe um momento exato, ou uma idade específica em que podemos dizer que o bebê deixa de ser bebê, o que acontecem são os processos de individuação que vão ocorrendo e fazendo com que o bebê diferencie de si mesmo.

“A condição do bebê não está, portanto, vinculada a uma idade específica. Não há uma data para se deixar de ser um bebê, assim como não há um ritual específico de passagem da condição de bebê para a condição de criança. O que existem são processos de individuação que ocorrem por meio das inúmeras redes que os bebês constroem com os seres humanos e não humanos (atores e actantes) ao seu redor. Processos que fazem da diferença, identidade.” (TEBET; ABRAMOWICZ, 2014, p.56).

A partir dessa afirmação, o que podemos chamar de processos de individuação?

A individuação é um processo que se constitui como forma de ser uma solução precária diante das situações problemas que vivemos e encontramos constantemente.

“a individuação, deve, então ser considerada como resolução parcial e relativa, que se manifesta em um sistema contendo potenciais e encerrando certa incompatibilidade em relação a si próprio, incompatibilidade feita tanto de forças de tensão quanto de impossibilidade de uma interação entre termos externos das dimensões.” (SIMONDON, 2003,p.101)

De acordo com Gustavo de Barros (2015), em sua palestra sobre a individuação, esta se dá a partir de uma comunicação interna entre individual e o pré individual, tal comunicação Simondon chama de *disparação*, sendo PROVISÓRIA e INDETERMINADA, ou seja, os indivíduos vivem em constante processo de individuação, processos esses que se constituem como novos ao passo que nos deparamos com diferentes problemas e precisamos encontrar diferentes soluções para eles.

É a partir do momento em que o bebê começa a se deparar com OS problemas e os vivenciam que se começam os processos de individuação, processos esses que permitiram ao bebê se tornar um indivíduo.

Quando a individuação ocorre, o caos se torna administrado, a diferença se evade e há uma solução para aquele sistema problemático. Então o bebê sai daquela condição caótica de instabilidade para se constituir como criança. (ABRAMOWICZ; TEBET, 2014, p.56).

O bebê então é um ser pré-individual, singular, cheio de potencialidades, que passa a se diferenciar no momento em que passa a vivenciar processos de individuação, que vão permitir que ele possa se tornar uma criança, um indivíduo.

CAPÍTULO 3 – PESQUISAR BEBÊS: EM BUSCA DE SINGULARIDADES

Percebemos hoje, que há um grande esforço para constituir as crianças teoricamente dentro do campo sociológico.

“temos observado avanços constantes no Estudo da Infância e da Criança, para construir teoricamente os conceitos de “criança” e “infância”, avançando no sentido de olhar para as crianças numa perspectiva social, tomando-as como protagonistas da vida social e compreendendo sua ação positiva e ativa nos processos de socialização.” (ABRAMOWICZ;TEBET, 2013, p.1)

Considerando que vivemos em uma sociedade extremamente adultocêntrica, os bebês e crianças passam a ser considerados como patologias, pois, segundo Jenks (2005, p.122) eles “ignoram as normas, as regras e as convenções da sociedade adulta”.

Ainda se tratando da defasagem da pesquisa com crianças, percebemos que os bebês são ainda mais marginalizados, isso porque, segundo Tebet e Abramowicz (2013) os bebês são seres pré-individuais constituídos de devires e singularidades, além de habitarem em um tempo e espaço considerado como caótico pelos adultos; além disso, a infância para os bebês é vista apenas como uma potencialidade, e não como uma realidade concreta ou coletividade, como nos afirma Mannheim (1982), sendo assim são necessárias metodologias diferenciadas para estudar os bebês, que considerem suas singularidades e especificidades.

“A partir destes conceitos, apontamos para a necessidade de metodologias de pesquisa que sejam capazes de lidar com essa condição inerente ao bebê. Metodologias que busquem compreender os bebês, seus movimentos e as redes tecidas por eles, com eles e para eles.” (TEBET; ABRAMWICZ. 2013).

Sendo assim, pensando nas metodologias utilizadas para pesquisar bebês, pode-se ressaltar que essas devem buscar se apresentar como a ideia de transgressão, que pode ser caracterizada de diversas formas: ao mesmo tempo que considera a consciência infantil e transgride as fragilidades dos adultos, não depende de linguagem ou modelo próprio. As metodologias para os bebês devem mostrar as oposições que existem entre a singularidade e a

individualidade, e buscar mostrar essa realidade pré-individual que o bebê vive o plano em que está inserido, desconsiderando a ausência de linguagem.

Além disso, de acordo com Tebet e Abramowicz (2013) os bebês carregam consigo potencialidades e diferenças, as quais permitem o surgimento de novas formas de ser, de se relacionar e viver, pois são NATUREZA; segundo Deleuze, e é a partir disso que os bebês vivem inseridos no plano de imanência e se diferenciam dos indivíduos, pois são constituídos de singularidades.

Deleuze então nos diz que:

“As singularidades ou os acontecimentos constitutivos de uma vida coexistem com os acidentes da vida correspondente, mas não se agrupam nem se dividem da mesma maneira. Eles se comunicam entre si de uma maneira completamente diferente da dos indivíduos. Parece mesmo que uma vida singular pode passar sem qualquer individualidade ou sem qualquer outro concomitante que a individualize. Por exemplo, os recém-nascidos são todos parecidos e não têm nenhuma individualidade; mas eles têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos, que não são características subjetivas. Os recém-nascidos, em meio a todos os sofrimentos e fraquezas, são atravessados por uma vida imanente que é pura potência, e até mesmo beatitude” (DELEUZE, 1997, s/p.).

Para estudarmos os bebês temos que considerar então, que eles são pura imanência e cheios de singularidades, singularidades essas que tornam o bebê um ser pré-individual e não um indivíduo; os bebês são a realidade que antecede o indivíduo.

“Singular sem ser individual, eis o estado do ser pré-individual. Ele é diferença, disparidade, disparação (...) Mundo imbricado de singularidades discretas, tanto mais imbricado quanto mais estas não estejam ainda se comunicando ou não estejam tomadas numa individualidade: é este o primeiro momento do ser” (DELEUZE, 2006, p. 118).

A partir disso podemos afirmar que o desafio para quem pesquisa bebês, é de acordo com Tebet e Abramowicz (2013), conseguir traçar as linhas que eles percorrem, aquilo que os afetam, os percursos que realizam, a maneira como se relacionam entre outros aspectos.

A partir disso, podemos considerar como cartografia o modo de mapear os afetos envolvidos no plano em que os bebês estão inseridos, além de, considerar todas as relações que eles estabelecem com o espaço, tempo, colegas, educadores, entre outros; cartografar é também um modo de considerar as singularidades dos bebês, por essa razão podemos definir a cartografia como uma das metodologias de pesquisa mais apropriadas para o estudo dos bebês, pois considera as singularidades dos bebês, ou seja, considera todo o plano de imanência, todo o ser pré-individual que o bebê é.

Nobre e Pedro (2010, p.54) afirmam que a cartografia deve ser um meio do pesquisador construir novos caminhos, registrar e descrever, focalizando os mediadores que interferem e agem no campo observado.

A partir do que foi discutido inicialmente podemos concluir então que os bebês são marginalizados em se tratando de serem pesquisados, já que ainda são crianças, mas são seres pré-individuais que vivem uma realidade anterior à infância.

Sendo assim, a partir das metodologias abordadas podemos verificar que para pesquisarmos os bebês é necessário que sejam consideradas suas singularidades, os espaços, seu tempo, seus afetos, suas relações, como são constituídos de formas diferentes, além de, considerarmos que os bebês são desprovidos da linguagem, mas nem por isso são impossibilitados de serem compreendidos.

Por fim:

“Estudar os bebês é, portanto, estudar as redes que constituem as crianças e os movimentos dos bebês entre esses planos de imanência e organização, cartografando os trajetos e afetos, que constituem os movimentos das crianças e registrando assim, as singularidades inerentes à condição pré-individual do bebê” (TEBET; ABRAMOWICZ. 2014. P.55)

CAPÍTULO 4: ENTÃO, O QUE É SER PROFESSORA DE BEBÊS?

Ser professora é algo que vai muito além da formação profissional do docente, ser professora também requer que o docente consiga trabalhar com as particularidades, especificidades e potencialidades de cada criança, afim de, conseguir propor metodologias de trabalho que permitam com que haja uma aprendizagem.

Antes mesmo de pensar de que forma trabalhar com os bebês é necessário que a professora de educação infantil, em especial do berçário, pense em sua própria formação; é preciso que ela se perceba como um sujeito passível de transformações e aprendizados decorrentes do meio em que está inserida, e que a partir desses aprendizados e transformações ela desenvolver uma prática pedagógica que atingirá de forma completa os bebês.

“O aprendizado e a transformação do pesquisador se fazem no acompanhamento dos efeitos das múltiplas práticas de pesquisa, práticas que dão acesso ao plano de onde emergem sujeito, objeto, campo, pesquisador, pesquisados, questões, textos, desvios e mundos.” (POZZANA, 2013, p. 328)

Pozzana (2013) pondera que a aprendizagem que nos forma não depende apenas da teoria, mas também da inscrição corporal, ou seja, é necessário que muito mais que estudar a respeito dos bebês, é necessário que a professora esteja inserida de fato dentro do ambiente, onde a convivência com o coletivo permitirá, como já dito acima, aprendizagens e transformações.

Pensando nisso, e trazendo para o olhar com os bebês, podemos dizer que o trabalho pedagógico realizado com bebês é caracterizado pelas sutilezas das relações entre bebês e professora; isso porque como já vimos, o bebê é pura singularidade.

Uma educação para os bebês deve ser uma educação com práticas pedagógicas que visam de acordo com Tristão (2004), uma educação desvinculada da “visão adultocêntrica que está impregnada em cada um de nós, denunciando toda nossa incapacidade de perceber diferentes formas de ser e buscando legitimar o jeito próprio das crianças sentirem, serem e agirem no mundo.”

Cabe então a professora dos bebês considerar as potencialidades de cada um, para que ela possa desenvolver metodologias de ensino que permitam um trabalho pedagógico que respeite cada um nos seus diferentes tempos e processos de aprendizagem.

Dentro dessa abordagem podemos destacar a importância de uma prática pedagógica com os bebês que se caracterize em considerar os sentimentos, peculiaridades, vivências e a cultura de cada bebê dentro e fora do ambiente escolar.

“Ao se discutir a intervenção pedagógica com crianças pequenas é necessário pontuar que lidamos com crianças reais, meninos e meninas, marcados por condições sociais, econômicas, culturais pertencentes a um dado gênero e a uma dada etnia e que compõe os grupos pelos quais as professoras são responsáveis.” (TRISTÃO, 2004, p.1-2)

Além disso, temos que considerar a importância de se incluir dentro das práticas pedagógicas para os bebês, diferentes atividades, formas e maneiras que levem os bebês a perceberem uns aos outros; quando consideramos as relações entre os bebês, é importante que a professora proporcione situações que ofereçam possibilidades para que os bebês percebam que o outro também possui singularidades e diferenças.

Partindo da questão de que se deve considerar as particularidades e singularidades dos bebês para a construção de uma prática pedagógica educativa, é preciso considerar que os bebês, diferente de nós, que somos totalmente dependentes da linguagem para se comunicar se expressam e comunicam de formas diferentes, através de um balbúcio, choro, riso, sendo então imprescindível que a professora, conheça bem os bebês para que consiga, através das suas diferentes formas de se comunicarem, atender às suas necessidades físicas e emocionais; eis aí um dos fatores que diferenciam a prática pedagógica da professora de bebês.

Um dos pontos que também vale ressaltar a respeito do trabalho pedagógico com os bebês é que muito se pensa que nada se produz no berçário, ou se desenvolve com os bebês, pelo fato de, ser considerado um trabalho educativo apenas aquilo que se apresenta concretamente; a partir disso as ações das professoras dentro da sala com os bebês passam

desapercebidas por serem consideradas simples atividades rotineiras, o que acaba gerando uma certa indiferença quanto ao progresso de aprendizagem dos bebês a partir dessas “simples atividades”. De acordo com Tristão (2004)

“Diversas das ações realizadas pelas professoras no dia-a-dia da creche acabam sendo automatizadas e, não sendo vistas como importantes, passam despercebidas, de forma a não vir à tona a riqueza da vida diária (...).O trabalho com bebês “não aparece” dentro da creche, as crianças não “produzem” concretamente nada. Grande parte do tempo em um berçário é dedicado às atividades rotineiras de chegada, de alimentação, de troca, de banho e de descanso, que, com frequência, não recebem a atenção das professoras, não sendo assim refletidas e avaliadas. No imaginário das profissionais da educação e mesmo em nível de senso comum, há a ideia de que deve haver a produção de algo para estar caracterizado um processo educativo, bem em acordo com a noção da sociedade capitalista na qual vivemos, que valoriza os resultados rápidos como lógica estruturante.” (s/p)

Ao buscar proporcionar uma prática educativa para os bebês a professora deve saber reconhecer e considerar que os bebês são repletos de singularidades e diferenças; cada um relaciona-se de forma singular com a aprendizagem, tendo seus anseios e necessidades; cada um cria seu próprio TEMPO.

Uma professora de berçário deve saber respeitar as singularidades de cada bebê. A prática pedagógica deve ser diversificada, conseguir conciliar e reconhecer as diferentes linguagens que existem entre os bebês, os gestos, as expressões, dentre tantas outras coisas que caracterizam a sala do berçário.

Além de considerar as relações, sentimentos, particularidades, linguagem, singularidades, potencialidades, entre tantos outros aspectos, é preciso que a professora consiga desenvolver sua prática pedagógica também criando novos tempos e espaços que de certa forma não existem na escola a favor da prática educativa.

O espaço, o ambiente em que estão inseridos os bebês, onde eles passam a maior parte do tempo dentro da escola, de acordo com Barbosa (2010, p.8) “precisam ser coerentes com as necessidades das crianças, proporcionando situações de desafio, mas também oferecendo segurança.” A disposição dos móveis, dos brinquedos, dentre tantos outros materiais que

existem na sala possibilitam diversas descobertas, bem como facilitam ou dificultam as relações entre os próprios bebês. Além disso, o espaço em que os bebês estão inseridos deve se mostrar acolhedor podendo abrigar as vivências de cada criança dentro da sua casa, com sua família.

“Tal espaço é organizado para que as crianças interajam com outras crianças, brinquem com os objetos e brinquedos podendo, assim, vivenciar diferentes experiências. Quando as crianças ficam muitas horas num espaço de vida coletiva, é interessante que se institua um lugar para colocar as coisas que vem de casa como, por exemplo, as fotos da criança e da família, os brinquedos, e outros objetos que criam um “oásis” de singularidade na vida e no espaço coletivo.” (BARBOSA, 2010, s/p)

Contudo, podemos considerar então, que para ser professora de bebês é fundamental que essa pessoa, seja OBSERVADORA. A educadora dos bebês deve carregar consigo um caráter investigativo, curioso, afim de, conseguir coletar, a partir das suas observações diárias o máximo de informações e conhecimento sobre cada bebê; o que cada um sente, quer, pensa, necessita, como come, como dorme, porque chora, entre outras infinitudes de coisas, para assim conseguir definir metodologias para desenvolver uma prática educativa que proporcione uma boa aprendizagem por parte dos bebês respeitando, assim, as singularidades de cada um.

“Os adultos são responsáveis pela educação dos bebês, mas para compreendê-los, é preciso estar com eles, observar, “escutar suas vozes”, acompanhar os seus corpos. O professor acolhe, sustenta e desafia as crianças para que elas participem de um percurso de vida compartilhado. Continuamente, o professor precisa observar e realizar intervenções, avaliar e adequar sua proposta às necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma delas em particular.” (BARBOSA, 2010).

Sendo assim, uma professora de berçário deve proporcionar aos bebês um espaço seguro, agradável, que lhes proporcione experiências e desafios diferentes, respeitar as singularidades de cada bebê, mas principalmente pautar e desenvolver seu trabalho não em atividades planejadas para serem desenvolvidas e cumpridas em um determinado tempo, mas, como afirma Tristão (2004, p.9) em “relacionamentos intensos entre todos aqueles que

compõem determinada comunidade de educação.” E possibilitar assim que o bebê experimente o ambiente escolar em que está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo o que foi abordado ao longo do trabalho, podemos então considerar que os bebês são seres totalmente singulares, pré-individuais, cheios de potencialidades e diferenças.

Considerando essas questões é preciso que os estudos com os bebês sejam intensificados, pois sendo eles diferentes de crianças e adultos também não podem ser estudados da mesma forma, com a mesma metodologia de estudo.

Deve-se buscar estudar os bebês afim de, acompanhar suas diferenças e singularidades, buscando sempre alcançar novas formas de desenvolver melhores práticas pedagógicas para trabalhar com estes seres tão particulares.

É necessário considerarmos, que diferente de nós adultos, ou das crianças, os bebês são seres pré-individuais, não passam por processos de individuação, ou seja, não conseguem solucionar ainda situações problemas as quais se deparam, e por esse motivo não podem ser considerados como indivíduos totalizados, mas sendo pré-individuais carregam consigo uma infinidade de singularidades, singularidades essas que os diferenciam de todos e entre eles mesmos.

Muito se percebe da defasagem não só no âmbito da pesquisa, mas também na parte de ações pedagógicas com os bebês.

Pré-individualidade, singularidades, são aspectos fundamentais para serem levados em conta no momento da construção de uma prática pedagógica para os bebês, prática essa que deve buscar proporcionar ao bebê bons processos de aprendizagem.

Percebemos o quanto os bebês não são somente excluídos na visão da sociedade, vistos como seres frágeis e vulneráveis, mas também dentro da escola. Ignora-se que os bebês carregam consigo uma história, uma cultura e uma origem, e buscam-se cada vez mais fazer com que os bebês ajam, pensem, e sintam como nós adultos agimos, pensamos e sentimos.

É necessário quebrar essas barreiras que a sociedade criou com relação aos bebês, precisamos desmistificar a ideia de que os bebês são seres incapazes de aprenderem e utilizarem suas capacidades mentais e físicas;

precisamos apostar mais nesses seres cheios de potencialidades, pois são eles o devir, os que poderão desenvolver novas formas de agir, pensar, se comportar, entre tantos outros aspectos.

Os bebês são seres que se diferenciam de qualquer outro, são capazes de se comunicar sem o uso da linguagem, tão indispensável para nós adultos e crianças; são capazes de mostrar o que sentem, e o que precisam através de um simples choro ou sorriso.

Sendo assim, é necessário que uma professora de berçário seja uma observadora, que consiga a partir da observação de cada bebê dia-a-dia, reconhecer as necessidades, particularidades e especificidades de cada um.

Uma professora observadora pode ser vista como uma cartógrafa, pois um cartógrafo, de acordo com Pozzana (2013) se forma a partir de experimentação, teoria, prática, mundo, sujeito, e é assim que a professora de berçário se forma, experimentando e vivendo as particularidades do dia-a-dia.

Um cartógrafo consegue a partir das observações enxergar coisas que ao senso comum muitos não veem ou não percebem, e o mesmo se dá na situação das professoras de berçário; como observadoras, elas fazem grandes descobertas a respeito dos bebês, descobertas essas que muito podem se passar despercebidas.

“O cartógrafo é formado nas problematizações do mundo, nos desvios, nos lapsos, ali onde algo escapa ou onde não encontramos o que ansiamos encontrar. Por meio de práticas que nos fazem conhecer concretamente a condição acentrada e fragmentada do eu, a virtualidade do si tem lugar e nos faz duvidar do sujeito conhecedor como fonte do conhecimento.” (POZZANA, 2013, p. 334-335).

Sendo assim, é necessário que busquemos tentar acompanhar os bebês incessantemente, de todas as maneiras que estiverem ao nosso alcance, afim de, conseguirmos de alguma forma, melhorar a qualidade da educação para esses pequenos que são tão marginalizados, dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos **Constituindo o bebê como um conceito teórico no interior da sociologia da infância.**

Disponível em:

http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3164_texto.pdf. acesso em (15/09/2015)

ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos.

O bebê interroga a sociologia da infância. In: **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 43-61, jan./abr. 2014. Disponível em: :

<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/12417/8643>.

acesso em: (08/06/2015)

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Especificidades da ação pedagógica com os bebês.** ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO- Perspectivas Atuais, Belo Horizonte. 2010.

BARROS, Gustavo De Almeida; ABRAMOWICZ, Anete. **Da individuação em Simondon a inventar-se pela educação infantil.** Disponível em:

<https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/07/gustavo-de-almeida-barros-anete-abramowicz.pdf>. acesso em (19/08/2015)

CORSARO, W. **The Sociology of Childhood.** Thousand Oaks, California: Pine Forge Press, 1997.

DELEUZE, G. **Conversações.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

DELEUZE, Gilles. **O indivíduo e sua gênese físico-biológica** (1966). In: _____ . **A ilha deserta.** São Paulo: Iluminuras, 2010.

DELEUZE, G. **A imanência: uma vida...** Publicado originalmente em **Philosophie**, nº 47, 1997.p. 3-7. Tradução de Tomaz Tadeuda Silva. Disponível em:

<http://pt.scribd.com/doc/7182897/Deleuze-Gilles-A-Imanencia-Uma-Vida>. acesso em (17/08/2015)

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia.** v. 1. Coordenação da tradução: Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo, Editora 34, 2000.

Disponível

em:

http://www.ileel.ufu.br/lep/arquivos/textos_geral/Mil_Platos_1.pdf. acesso em (17/08/2015)

JENKS, C. (org.). **The Sociology of childhood. Essential readings.** Brookfield, VT: Gregg Revivals, 1982. **Childhood and Transgression.** In: QVORTRUP, J. **Studies in modern childhood**, Palgrave, MacMillan, 2005b, p. 115-127.

LECLERCQ, Stéfan. **Deleuze e os Bebês.** In: Educação e Realidade, p. 19-29. Jul/dez. 2002.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** In: Rev. Katál. Florianópolis. V.10. n. esp. p. 37-45. 2007.

MANNHEIM, K. **O problema sociológico das gerações.** In: FORACCHI, M.; São Paulo: Editora Ática, 1982 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 25). p. 67-96.

NOBRE, J. C.; PEDRO, R. M. **Reflexões sobre possibilidades metodológicas da teoria ator-rede.** In: Cadernos UNIFOA, n. 14, dez. 2010. Disponível em: www.foa.org.br/cadernos/edicao/14/47.pdf acesso em: (17/08/2015)

POZZANA, Laura. **A formação do cartógrafo é o mundo: Corporificação e Afetabilidade.** In: Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 323-338, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1113>. acesso em: 22/10/2015

PROUT, A. **Reconsiderando a nova Sociologia da Infância.** In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez./2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A crítica pós-estruturalista do currículo.** In: **Documentos de identidade – uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte, p.117-124. Editora Autêntica, 1999.

SIMONDON, Gilbert. **A gênese do indivíduo.** In. PELBART, P. P; COSTA, R. (Org.) *Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto.* São Paulo:

Hucitec, 2003. pp.97-117. Disponível em:
<http://pt.scribd.com/doc/277362450/SIMONDON-G-A-genese-do-individuo-pdf#scribd>. Acesso em: (21/10/2015)

SOARES, J. L. **Dicionário Etimológico e Circunstanciado de Biologia**. São Paulo: Editora Scipione. 1993.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza**. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroses/article/view/9360>